

O QUE FAZER COM NOSSAS VISÕES DE MUNDO E NOSSOS AFETOS PRÉ CIENTÍFICOS E PRÉ-FILOSÓFICOS? EM COMEMORAÇÃO AOS 70 ANOS DE RE-EXISTÊNCIA DO CURSO DE FILOSOFIA EM ALAGOAS E EM SERGIPE

Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL-PPGF-UFS)

A tristeza é senhora, / Desde que o samba é samba, é assim, / A lágrima clara sobre a pele escura / A noite, a chuva que cai lá fora / Solidão apavora / Tudo demorando em ser tão ruim / Mas alguma coisa acontece / No quando agora em mim / Cantando eu mando **a tristeza** embora / O samba ainda vai nascer / O samba ainda não chegou / O samba não vai morrer / Veja, o dia ainda não raiou / O samba é o pai do prazer / **O samba é o filho da dor [do trabalhador]/ O grande poder transformador [do engajamento]**. (Caetano e Gil *Desde que o samba é samba*, 1993)

Canta Canta, minha Gente. / **Deixa a tristeza pra lá [deixa, não deixa, pensa ela]**. / Canta forte, canta alto, / Que a vida vai melhorar. / Que a vida vai melhorar. / Que a vida vai melhorar. / Que a vida vai melhorar [se soubermos lutar vai]. / Que a vida vai melhorar. / Cantem o samba de roda, / O samba-canção e o samba rasgado. / Cantem o samba de breque, / O samba moderno e o samba quadrado. / Cantem ciranda, o frevo, / O côco, maxixe, baião e xaxado, / Mas não cantem essa moça bonita, / Porque ela está com o marido do lado. / Canta Canta, minha gente. / Deixa a tristeza pra lá. / Canta forte, canta alto, / Que a vida vai melhorar. / Que a vida vai melhorar. / Que a vida vai melhorar. / Mas a vida vai melhorar. / A vida vai melhorar. / Quem canta seus males espanta / Lá em cima do morro / Ou sambando no asfalto. / Eu canto o samba-enredo, / Um sambinha lento e um partido alto. / Há muito tempo não ouço / O tal do samba sincopado. / **Só não dá pra cantar mesmo / É vendo o sol nascer quadrado** [só não dá pra lutar e quando se está no xilindró, será?]. / Canta Canta, minha gente. / Deixa a tristeza pra lá. / Canta forte, canta alto, / Que a vida vai melhorar. / Que a vida vai melhorar. / Que a vida vai melhorar. / Mas eu disse: Que vai melhorar. / Que a vida vai melhorar. / Ora se vai melhorar. / Que a vida vai melhorar. / **Mas será que vai melhorar? [Se souber lutar e se engajar vai!]** / Que a vida vai melhorar. / Eu já vou é me mandar. / Que a vida vai melhorar. / Que a vida vai melhorar. (Martinho da Vila *Canta, canta, minha gente*, 1974)

Já virei calçada maltratada / E na virada quase nada / Me restou a cortição / Já rodei o mundo quase mudo / **No entanto num segundo / Este livro veio à mão** [era pra desconfiar!] / Já senti saudade / Já fiz muita coisa errada / Já dormi na rua/ Já pedi ajuda / Mas lendo atingi o bom senso [será? Leu o que?] / Mas

lendo atingi o bom senso / A imunização Racional (Tim Maia
Bom senso, Racional v. 1, 1975)

Ninguém ouviu / Um soluçar de dor / No canto do Brasil / **Um lamento triste / Sempre ecoou / Desde que o índio guerreiro / Foi pro cativoiro / E de lá cantou / Negro entoou / Um canto de revolta pelos ares / No Quilombo dos Palmares / Onde se refugiou / Fora a luta dos Inconfidentes / Pela quebra das correntes / Nada adiantou / E de guerra em paz / De paz em guerra / Todo o povo dessa terra / Quando pode cantar / Canta de dor / E ecoa noite e dia / É ensurdecedor / Ai, mas que agonia / O canto do trabalhador / Esse canto que devia / Ser um canto de alegria / Soa apenas / Como um soluçar de dor** [Será? Mito?].

(Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte *Canto das três raças*, 1976)

Considerações iniciais

Para quem pôde ir a Goiânia no XIX encontro nacional da Anpof (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia) que aconteceu nos dias 10 a 14 de outubro do ano passado ou pôde acompanhar os títulos e resumos dos trabalhos que seriam ou foram apresentados durante toda a semana em que ocorreu, pôde confirmar a tendência do aumento regular de trabalhos que intentam discutir questões filosóficas bem mais atuais e de modo muito menos ortodoxo do que há uns 10 anos atrás. Por que isso?

Diríamos que, também, mas não só, teve a ver com o seguinte. Dada a iminência do Golpe, ou de mais uma efetivação do golpismo costumeiro, centrado no dia 31 de agosto de 2016, golpismo que impediu Dilma Rousseff (1947-), nossa primeira presidente mulher, de seguir seu mandato como presidenta e colocou em seu lugar o famigerado Michel Temer (1940-), trazendo ao Congresso o voto a favor do golpe seguido da homenagem ao torturador e assassino Coronel Carlos Brilhante Ustra (1932-2015) que tornaram nosso ar irrespirável; voto e homenagem feitos pelo, não menos famigerado, mas ainda muito pior e para dizer muito pouco, o nazi-fascistóide então Deputado Federal, Jair Messias Bolsonaro (1955-) e, algo que parecia totalmente impossível, que viria a se tornar presidente por eleições diretas em 2018 pelo mais que inexpressivo PSL-17. Ou seja, a partir de dados dessa natureza e em torno dessa época, cremos ser possível afirmar que desde esse “des-acontecimento”, que se “efetuou” em vários planos e que parece ter mudado drasticamente as coordenadas do campo social brasileiro, parece ter se tornado de urgência urgentíssima mudar completamente os caminhos mais ortodoxos das pesquisas praticadas em filosofia no Brasil e se lançar à busca

de supostas muito mais importantes novidades que vão desde temas recentes, “quentíssimos” ou de “verdadeira relevância” diziam alguns, até métodos totalmente novos, como performances muito próximas das teatrais ou relatos de experiências mesmo traumáticas realizavam outros, principalmente com relação à compreensão do cenário filosófico-político que se desenhou sobretudo a partir do “des-acontecimento agosto de 2016”.

Parece que a palavra de ordem de urgência urgentíssima que ecoou mais forte e recentemente a partir da Anpof do ano passado e que também pode ser acompanhada em muitos outros dos mais atuais eventos e publicações de filosofia brasileira guarda muita semelhança com aquela utilizada por Deleuze (1925-1995) em seu *Lógica do sentido*, também feita em tempos de “revolução” ou intensa comoção social, nos idos de 1969, segundo a qual: “produzir o sentido é a tarefa de hoje” (p. 76).

Parece que aquele des-acontecimento que, talvez, tenha mudado as coordenadas do campo social brasileiro, tornou de urgência urgentíssima mudarmos grande parte das nossas pesquisas em filosofia; tornou de urgência urgentíssima realizar uma multiplicidade ainda não definível de filosofias brasileiras, na verdade agir. Justo! Parece que fomos tomados por um novo quadro de afetos que nos obrigaria a agir diante daquele ar que teria se tornado irrespirável principalmente para os recém tornados alunos e alunas de filosofia, professores e professoras de filosofia e mesmo muitas filósofas e filósofos brasileiros já bastante conhecidos. Mas do que se trata e como fazê-lo? Ler o que para atingir, sem cometer o mesmo erro, aquele suposto bom senso, mas nem tanto, de Tim Maia (1942-1998)? E escrever/cantar o que quanto ao que vemos ou deveríamos ver como bom senso diante da perspectiva brasileira de uma espécie de fim do mundo?⁷⁷ Que engajamento adotar ou devir ao menos dar origem? E talvez, já que tanto a violência quanto o bom senso diferem, pudéssemos dar um passo atrás e perguntar: Mas será mesmo que não estaríamos nos deixando levar para distante demais quando fomos postos diante daquele des-acontecimento centrado em 2016, e estou preocupado principalmente com certo plano dos afetos? Será mesmo que devemos nos revoltar com a “ortodoxia filosófica brasileira”, revolucionar e agir a todo custo, e ceder totalmente ao imperativo da mudança a qualquer preço? Mas como caracterizar essas tantas novidades a ponto de conseguir enquadrá-las como “pesquisa em filosofia contemporânea brasileira”, “pesquisa em filosofia contemporânea”, “pesquisa em filosofia”, “pesquisa

⁷⁷ Foi com esse título de evento que homenageamos Elza Soares e Racionais MCs em novembro de 2020, cf. **O manguezal**, n. 8 e 9, v. 2, 2020, disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/omanguezal/issue/view/1052>.

filosófica” ou mesmo “pesquisa” em seja lá o que for? A urgência urgentíssima é o novo novíssimo e nada mais? Eis algumas das indagações que fazem o pano de fundo da minha fala de hoje, e gostaria de terminar essas pequenas considerações iniciais lembrando uma indagação e uma espécie de piada quanto a Vladimir Ilyich Ulianov, mais conhecido como nosso Lenin (1870-1924) que constam no livro do filósofo esloveno Eslavoj Zizek (1949-) *Violência: seis reflexões laterais* (2008/2014).

A ideia é mais ou menos a seguinte, quando somos postos diante de notícias terríveis como as várias catástrofes associadas à saúde ou fome na África, certas mortes como as da guerra da Ucrânia e tantas outras violências, devemos ceder ao imperativo “é de urgência urgentíssima que ‘solucionemos’ o problema da saúde, da fome, da violência etc. no mundo”? Para ficar mais próximos de nós, como não agir (escrever/pensar) imediatamente diante da violência sofrida por Genivaldo de Jesus Santos de 38 anos, ou melhor, diante do cruelíssimo assassinato cometido pelos três Policiais Rodoviários Federais, William de Barros Noia, Kleber Nascimento Freitas e Paulo Rodolpho Lima Nascimento, PRF na ocasião sob a direção de Silvinei Vasques, no dia 25 de maio no município de Umbaúba, Estado de Sergipe (que nem de longe passaram perto das lágrimas do soldado que matou o inocente Catatau)? Como não agir (escrever/pensar) imediatamente diante da violência associada as pelo menos quatrocentas mil (400.000) mortes por Covid-19 (isso para lembrar apenas números oficiais que chegaram perto de 700.000) que podiam com toda a certeza terem sido evitadas? Como não agir (escrever/pensar) imediatamente diante da violência associada ao desmatamento da Amazônia e o novo-velho tratamento dos povos indígenas, especialmente os Yanomâmis, sob o governo de Jair Bolsonaro? Que afetos estão sustentando a urgência urgentíssima de tais ações (escrever/pensar) contra tais violências? Que devem ser associadas à pergunta, espécie de conte até três, mas quais seriam as ações mais apropriadas contra tais violências? Para a qual a resposta geral e indireta, que faz o fim da piada, começaremos a esboçar fazendo lembrar o que advertia, pois, Lenin, que estava no olho do furacão na Rússia dos idos de 1914, ou seja, frente à real urgência urgentíssima de mudança diante de certas violências é preciso primeiramente estudar, estudar, estudar... e caracterizar com algum cuidado, especialmente dadas as atuais redes sociais e propaganda de sempre, que afetividade nos move frente às violências contra as quais queremos lutar.

Do modo que colocamos aqui a questão, seria preciso olhar um pouco antes na panfletária frase de Deleuze, ou seja, lembrar que ela vinha acompanhada, dentre muitas outras coisas, da seguinte filosofia:

Basta que nos dissipemos um pouco, que saibamos estar na superfície, que estendamos nossa pele como um tambor, para que a “grande política” comece. [...] Fazer circular a casa vazia e fazer falar as singularidades pré-individuais e não pessoais [*faire parler les singularités pré-individuelles non personnelle*] [que não são nem da ordem do geral nem da ordem do individual, nem pessoais nem universais], em suma, produzir o sentido é a tarefa de hoje (Idem, p. 75-6).

Ou seja, se o que estamos procurando como saída para as violências consequência do des-acontecimento político 2016, como nos parece ser o assassinato de Genivaldo pela Polícia Rodoviária Federal (e mesmo o Forbes no governo Trump), as mortes por Covid-19 (durante o governo Bolsonaro e tantos outros), os desmatamentos e aumento inegável de assassinatos de índios e mesmo indigenistas e ambientalistas no Brasil, se o que estamos procurando é mudar de fato as coordenadas do campo social e tornar nosso ar respirável novamente, querendo dizer criar ou manter uma nova política, nos termos acima fazer acontecer a grande política, alinhada com a promessa feita por Deleuze de **Lógica do sentido**; parece que o imperativo que deve comandar nossos afetos é primeiramente: é preciso contar até três, puxar o freio de mão e evitar a banguela ladeira abaixo da demonização da política, ou seja, pensar/escrever com mais cautela, ou seja, filosofar, filosofar, filosofar mas com o engajamento correto e cuidadoso abrir ao menos para a origem de certos devires. Dentre muitas outras coisas, tentar primeiro entender o seguinte: mas afinal de contas o que se pretendia dizer com “acontecimento”, “dissipar”, com “superfície”, “pele de tambor”, “grande política”, “circular a casa vazia”, “fazer falar as singularidades pré-individuais e não pessoais” e, o que mais nos chamou a atenção no nosso panfleto imaginário, “produzir o sentido” ser a tarefa dos idos de 1969? Expressões que exigem uma nova sociologia e nova história e estariam baseadas em uma nova psicologia ou psicanálise, uma nova “filosofia do sujeito”, ao menos afastadas das velhas e desgastadas psicologias morais. Ao que vocês, de até os idos de 2016 deveriam perguntar: Mas como pensar e escrever, ou seja, filosofar justo agora se as ações parecem ser tão necessárias, as questões mais atuais tão urgentes e aparentemente nem tão complexas assim, que inclusive não parecem mais poderem ou necessitarem ser tratadas daqueles modos antigos, tão ortodoxamente enfadonhos e ineficazes, aprendidos em instituições tão conservadoras e caducas, tão coloniais, europeias ou criadas pelos nossos opressores, como as universidades? Afinal de contas, onde estava a ortodoxia nem tão

filosófica brasileira e mesmo europeia nos idos de 2016? E em 1964 ou 1988? Creio que essas seriam as boas perguntas a serem feitas e ruminadas por todos e todas aquelas e aqueles que hoje pretendem começar alguma pesquisa na área de filosofia e afins; vejamos o que em uma espécie de conversa muito frouxa diríamos, pois, com relação a elas. Ao que perguntaremos com as músicas iniciais e de saída: Como sabermos se a vida de certo grupo de pessoas melhorou, vai melhorar ou que a vida deles não melhorou ou não vai melhorar?

Cuidando com muito cuidado dos nossos afetos

... produzir o sentido é a tarefa de hoje (Deleuze Lógica do sentido, 1969)

Quem não gosta de samba [de amar o mundo, o destino, o mar, a vida], bom sujeito não é, é ruim da cabeça ou doente do pé... (Dorival Caymmi Samba da minha terra, 1940, João Gilberto Carnegie Hall 1964)⁷⁸

⁷⁸ Uma espécie de síntese da história do samba, especialmente a partir de músicas que é bom conhecer, pode ser acompanhada a partir de três livros lembrados por Henrique Autran Dourado em reportagem da página de *O progresso: jornal da cidade ternura*: “... é ruim da cabeça / ou doente do pé”. “Samba da Minha Terra” (1940), de Dorival Caymmi, foi lançado pelo Bando da Lua, que viera dos EUA onde acompanhava Carmen Miranda. Sucesso também com João Gilberto no famoso concerto da Bossa Nova no Carnegie Hall, em 1964. Tem a baianidade, o requebro das mulatas – “quando se canta todo mundo bole”. (2) [...] De “semba” (arbusto que balança ao vento), que em Luanda, capital de Angola, se refere a uma dança de umbigada, o samba tornou-se benquista pela classe média depois da primeira gravação de “Pelo Telefone”, por Ernesto dos Santos, o Donga, em 1917, e logo se tornou coqueluche com Lamartine, Pixinguinha, Jamelão e outros. Mesclou-se com facilidade a vários ritmos, dando início a diversos gêneros: nos anos 1930, o samba já havia flertado com canções, nos teatros de revista do Rio: música, anedotas e vedetes. “Ai, Ioiô”, de Luís Peixoto e Marques Porto, já havia surgido em 1929. Bem depois, destaque para “Ave-Maria no Morro” (1942), de Herivelto Martins. O choro, no princípio instrumental, passou a incluir letras nos anos 1930, como em “Vida de Passarinho”, de Ari Kerner e Veiga de Castro. “Tico-Tico no Fubá” (1931), de Zequinha de Abreu, ainda era choro, mas a ginga carioca o fez samba-choro. Valdir Azevedo criou o imortal “Brasileirinho” para um menino que tinha um cavaco de uma corda só em 1947, e a letra viria com Pereira Costa em 1950, alcançando sucesso na voz virtuosa de Ademilde Fonseca – saltos de sexta e cromatismos não são para qualquer um. No mesmo ano, chegou o sambalada, meio caminho entre os dois ritmos, e o samba batido, do interior da Bahia. Também se aproximou do samba uma dança de sucesso espanhola trazida para a América Latina via Cuba, de onde nasceu o sambolero. E vieram o samba-lenço, misturado ao fandango e com coreografias de lenços coloridos, o samba-traçado, influência do candomblé nagô com sabor de maracatu (“este samba que é misto de maracatu”: “Mais que Nada”, de Jorge Ben, 1963), o samba-rural, resquício da cultura negra paulista, o sambalelê, do congo de roda, e o samba-rock. No último, insere-se “Chiclete com Banana”, de Gordurinha e Castilho, lançado em 1958 pelo paraibano Jackson do Pandeiro: “Só ponho bebop no meu samba / quando o Tio Sam pegar no tamborim (...) / é o samba-rock, meu irmão”. Com as escolas de samba vieram os sambas de enredo, que sempre exaltam um acontecimento histórico, um personagem, daí o “samba-exaltação”. Pioneiros foram Mano Décio da Viola, Estanislau e Penteado Silva, com “Inconfidência Mineira” (1949), mas a beleza maior, unanimidade nacional, fica com a portelense “Foi um Rio que Passou em Minha Vida” (1970), de Paulinho da Viola. Sem desfilar na avenida, são do estilo o “Samba do Crioulo Doido” (1968) de Sergio Porto, e “Vai Passar”, do Chico e Francis Hime (1984, ano das Diretas Já). Das escolas e blocos surgiram também o samba de morro, de percussão bem carregada, o samba de terreiro ou de quadra, o samba de valentes e outros tantos. Moreira da Silva, o Kid Morengueira, malaco sambeiro que só bebia leite e andava de chapéu e “lifome branco”, diria Caymmi, autoproclamou-se inventor do samba de breque, em 1936, com “Jogo Proibido”, que parava o som – daí o breque, “brake”, freio de carro, em

Em alguns dos dias de junho de 2013, por isso “jornadas de junho”, os integrantes do MPL (movimento passe livre) foram às ruas para protestar contra o aumento de alguns centavos (como o de 20 centavos em São Paulo) das tarifas ou passagens de ônibus, o que gerou um movimento bastante descoordenado e sem objetivos minimamente definidos, muitas vezes até antagônicos, que acabaram acontecendo em vários lugares do Brasil e, para além do percentual pequeno de diferença que a elegeu, davam início à formação, grandemente orquestrada pela TV e imprensa nacionais (mídia no geral, cf. Jovem Pan, Veja, Globo etc.), de uma recusa supostamente popular do Governo Dilma Rousseff e o incitamento e direcionamento, já há muito em andamento, de uma afetividade (e mesmo ódio) contra o PT especialmente, contra partidária, portanto, associada a pautas morais como a de um suposto crescimento da corrupção motivado pela operação lava-jato também associada ao que se costumou chamar mensalão ou petrolão; tais suposições muito iniciais ainda foram plasmadas dentre muitas outras na música de MC Daleste *O gigante acordou* com as seguintes palavras:

*Já faz parte da história do Brasil / O dia em que o gigante acordou / Que país é esse que tem vários interesses / Mesmo me sufocando com impostos, não vou desistir / Deixei de última hora, mas **minha hora é agora** / Desculpe pelo transtorno mas estou mudando o meu país / Através da minha voz / Falo por todos nós / Sonhos e sonhos se destroem que **por dentro me corroem** / Deitado em berço esplêndido / O povo acordou do coma / Nosso grito em silêncio força com força dá bomba / É porque **cansamos de acreditar em alguns salafários** / Aumenta a lei de condução cadê o aumento dos nossos salários / **Violência é a tarifa** / Eu sou protestante coração valente / Na selva de pedra eu grito o que só vai depender da gente / Salve ó pátria amada [...] **É por direitos e não por centavos** / Vem, vem pra rua / Quem*

inglês – para divertidos recitativos que hoje achariam que é “rap”. (Segundo Ary Vasconcelos (1), o breque seria a “interpolação de uma frase ou outra”). Mas três anos antes, Heitor dos Prazeres já havia criado, em “Eu Choro”, aquela pausa para “breque: eu vou chorar”. O historiador José Ramos Tinhorão (3) lembra que “Sinhô”, em 1929, já havia encaixado três redondilhas menores em “Cansei”, assim como a dupla Ismael Silva e Nilton Bastos: “Se Você Jurar”, ou “O que Será de Mim” (“breque: eu não sei o que será”). Mas a fama de criador do breque quem levou mesmo foi Morengueira, que fazia longos recitativos nas pausas. Nos anos 1950, o gênero foi também assimilado por Miguel Gustavo e Billy Blanco. Maleável que é, o ritmo logo adentrou outras searas, a exemplo do samba de gafieira, surgido nos anos 1940 – corpos colados em gingados sensuais, à maneira da salsa cubana -, e o samba de partido alto, intimista e de harmonias simples, bom para os pagodes de quintal. (O nome pagode vem da tenda, geralmente um encerado de carroceria de caminhão, que cobria os quintais onde era cantado e dançado. Erguido por uma corda pelo meio, a cobertura lembra mesmo um pagode chinês). Mesclado também era o samba-jazz, que, com Elza Soares e seu “scat-singing”, arrastou Ed Lincoln, Dóris Monteiro e Leny Andrade, estrela de “Estamos Aí”, do gaitista Maurício Einhorn, com Durval Ferreira e Werneck (1968). Toda sorte de ritmos, como o samba caipira paulista, cantado em terças por duplas, como os caipiras, surgiram para enriquecer. O samba hoje é como o jazz: engloba uma infinidade de gêneros e continua evoluindo, conquistando novos espaços. Não há limite: enquanto a criação persistir o samba estará aí, para todos os sujeitos bons da cabeça e sem doença no pé”. Os livros são: (1) ARY, Vasconcelos. *Panorama da Música Popular Brasileira*. SP: Martins, 1964. (2) DOURADO, Henrique Autran. *Dicionário de termos e expressões da música*. SP: Editora 34, 2004. (3) DOURADO, Henrique Autran. *Pequena história da música popular*. SP: Círculo do Livro, s/ data. <https://oprogredodetatu.com.br/quem-nao-gosta-de-samba-bom-sujeito-nao-e/> consultado em 17/11/2022 12:22 horas.

*sou eu? / Eu sou aquele que cansou / De tanta impunidade / De juros abusivos / De todas corrupções / E de tantas falcatruas [...] Solo és mãe gentil verás que um filho teu não foge a luta / O gigante Brasil acordou / **Sem violência eu quero mudança** / Pros nossos jovens, idosos e crianças [...] Valeu DJ Bruninho, FZR e funk TV que tavam junto comigo nessa batalha / E com vocês também brasileiros e brasileiras / Vamo pra rua, vamo protestar / Porque só depende de nós pro o Brasil mudar, então vamo que vamo. (MC Daleste O gigante acordou 17 de junho de 2013)⁷⁹*

Tal música, ou registro de micro des-acontecimento, não seria o registro da causalidade de nada de importância, a não ser da recusa da velha e mais que conhecida violência sistêmica do capital (aumentos em geral sem real aumento de salários), não tivesse o golpe de 2016 seguido da eleição de Bolsonaro PSL 17 em 2018 terem se tornado um des-acontecimento que trazia de volta certas coordenadas do campo social brasileiro anteriores a 1988 (como bem percebeu nosso especulador financeiro Paulo Guedes [1949]) e que, é o que defendemos aqui, foi principalmente gestado a partir de direcionamento do descontentamento (aqui registrado no cansaço e desejo de mudança) ou um coordenado incitamento de ódio

⁷⁹ Podemos lembrar também a música de Mv Bill, de 2014, *Brado retumbante*: “Vitória pra quem acordou agora / E vida longa pra quem nunca dormiu / Viu tamo junto no foco / Ganhando as ruas como se fosse um bloco gigante / Mas sem batucada / Gente revoltada se sentido mal representada / Puxaram o pino da granada / E agora o bagulho ficou sério / Vozes gritam contra o retrocesso / O grito é coletivo, vem da rua e se reflete no congresso / Mais que vinte centavos é o preço da indignação / Manipulação, corrupção, falta de decoro / O braço armado faz cordão de isolamento / E baixa o coro, olhos lacrimeja / E alguém segura o choro, fudeu / Vai ser assim a cada escândalo / Quem quer que a farra chegue ao fim não é vândalo / O monstro que acorda e sai do posto de otário / Quando percebe que tamo longe / De ter um país igualitário / O povo unido sem sigla de partido / Independente, coração valente e o orgulho ferido / Com a representação que não representa / Sem representatividade que não se apresenta / A gente enfrenta / Só fica na pista quem aguenta / O corrupto se esconde e da resposta e se ausenta / Nosso partido são corações partidos / A raiva tá inclinada pros verdadeiros bandidos / Esquerda não contemplou, direita ignorou / Acorda, lava a cara que o gigante acordou / E que não durma! / E forme muito mais do que um turma / Uma corrente, Brasil pra frente, tá no cartaz / Tolerância zero pra quem / Faz a guerra e fala de paz / Descobrimos a trama muita grana nessa lama / Formando o negro drama / Pique Osama / Que tem gana / Pra detonar quem engana / A rua clama e o povo chama / Se não muda de postura não muda o país / O brado retumbante é nossa raiz / Ninguém dorme, se tá vivo se informe / Vem pra rua reivindicando os seus direitos civis / Os de fé, tamo aqui / Preparar pra invadir / Balançou se não tá firme vai cair / Siga-me / Pra frente / Junte-me / Mais gente / Desafia o nosso / Peito a própria morte / Gigante pela própria natureza / Combate a pobreza não / Combate a concentração de riqueza / Que sufoca o cidadão comum / Quando o ódio dominar / Não vai sobrar nenhum / Ignoraram a nossa opinião / Agora vão ter que aturar a nossa união / Cada um carrega em si sua missão / A pressão continua / Posição de povo que se descobre / O armamento e não recua / Só quando chega os “home” e largando gás / Dispersa a manifestação que era de paz / Distribuindo o cardápio de porrada / Gás lacrimogênio, querosene cacetada / Bala de borracha parte da imprensa esculacha / Desqualificando quem participava da marcha / Gente baixa que se encaixa no / Perfil de quem paga taxa / Tá todo mundo olhando e a rua escracha / Poder público pressionado / Pelo poder popular / O avanço da massa assusta e faz recuar / Questionando e encurralando na parede / Mídia alternativa que compartilha na rede / A falta do progresso / Policia com excesso / Quem responde a processo / Corrupção é regresso / Eh uma cusparada na cara do brasileiro / Que discorda da orgia feita com nosso dinheiro / E a resposta política: Gás de pimenta / Não aceita critica: Não representa / Quem mentiu: Não representa / Se omitiu: Não representa / Não cumpriu o que prometeu: / Não me representa / Ação truculenta revela o estado crítico / Um pouco de sujeira dentro do jogo político / Muito barulhento como um solo de guitarra / O som da multidão anunciando o fim da farra / Se não muda de postura não muda o país / O brado retumbante é nossa raiz / Ninguém dorme, se tá vivo se informe / Vem pra rua reivindicando os seus direitos civis / Os de fé / Tamo aqui / Preparar / Pra invadir / Balançou se não tá firme vai cair / Siga-me / Pra frente / Junte-me / Mais gente / Desafia o nosso / Peito a própria morte”.

(aqui aos supostos salafários), daí do CONTROLE DE CERTO PLANO DA AFETIVIDADE que poderia gerar explosões de ressentimento, seja contra o governo de Dilma ou do ex-presidente Lula seja contra o Partido dos Trabalhadores ou esquerda em geral: os sempre maus e velhos comunistas-socialistas. Como nós sabemos, dentre muitas outras manifestações, a tal movimento se somou o dos descontentes que vaiaram Dilma em evento relacionado ao início da Copa ou fizeram passeata (buzinaço) na Paulista, aqueles que podiam pagar por ingressos caríssimos ou tinham seus filhos carregados por babás negras e pobres e que nada tinham a ver, portanto, com reagir à violência sistêmica do capital, contra a qual sempre devemos lutar, registrada no aumento das tarifas de ônibus, dentre outros, mas sim com a reação a muitas das mudanças proporcionadas pela política geral do Partido dos Trabalhadores e da esquerda como um todo: dos muitas vezes bons e velhos quase comunistas-socialistas.

De todo modo, tais manifestações estavam longe de registrar ou apontar para a suposta piora econômica e mesmo geral seja com relação aos governos anteriores ao do PT e mesmo os posteriores a 2016, especialmente ao que aconteceria por conta dela o de Michel Temer e o recém terminado governo catastrófico nazi-fascista de Jair Messias Bolsonaro (onde estavam esses grupos quando aconteceram os aumentos da gasolina, diesel etc., corte de gastos na educação, na saúde, a Covid-19, a perda real de salários, a Embraer, a Petrobrás etc. etc. etc.?), pior ainda quando consideramos a suposta piora moral, dados os vários crimes que sempre cometeu o ex-presidente (racismo contra negros, índios, nordestinos etc., apologia ao fascismo e ao nazismo, homofobia, contra a imprensa etc. etc. etc.) em nome de um falso amor a pátria, à família e a Deus, a uma liberdade desde que sob governo ditatorial e mesmo Temer em nome da “segurança” pública (suas palavras quanto ao massacre do Carandiru, por exemplo).

Portanto, a fala confusamente “engajada” de Mc Daleste carecia de Real (estava plena de afeto pré-científico, pré-sociológico), carecia de boa Sociologia e boa História do Brasil mais recente, Real com o qual nos chocamos depois é verdade; mas apontava para uma realidade associada ao plano da afetividade que iria se agravar mais e mais (ia fazer acontecer ou des-acontecer, revolucionar ou reacionar), passando pelas falsas, porém, mais que imorais, as demoníacas mamadeira de piroca e quite gay que tanto apavoraram as famílias neopentecostais supostas defensoras da causa de Deus desde os idos de 2015, até atingir seu máximo nas eleições de 2018 e voltar ainda mais fortes nas insistentes e delirantes

missas/cultos/trabalhos contra o anticristo comuna-socialista que precederam o segundo turno e as patrióticas nazi-facistas manifestações violentas contra o resultado final das eleições de 2022, como os culminantes e terroristas de 8 de janeiro de 2023. Ou seja, sua fala também carecia de uma boa Filosofia (repleta que estava de afeto pré-crítico, pré-filosófico, pré-científico etc. etc. etc.); eis, pois, o registro de explosões explícitas de ressentimento sem adequado direcionamento que mencionamos há pouco.

Com efeito, se um gigante acordou foi nosso velho conhecido da anterior a 1988 era da ditadura militar, gestado no solo da pátria amada onde o filho teu, supostamente cristão, agora em grande medida neopentecostal, não foge a luta: à luta reacionária, nazi-fascista, e religiosa, teocrática, do ódio ao diferente ainda que seja a maioria.

Para o que temos perguntado: como atingir o bom senso e não errar tanto em nossas ações, em nossas letras de músicas ou em nossos textos a ponto de defender um bizarro real ou incitar a disseminação de uma cruel realidade que nos levaria, faria acontecer, a partir do des-acontecimento 2016, algo muito próximo do nazismo ou do fascismo ou mesmo da guerra religiosa que costumam anteceder os estados totalitários ou teocráticos? Claro que vocês sabem o que quero dizer com nazismo e fascismo, mas vocês conhecem a história recente da Republica Islâmica do Irã, o que significa o Irã ser uma teocracia e por quais massacres eles tiveram que passar?⁸⁰ Assim, o que ler, o que ouvir, o que falar, o que escrever, O QUE SENTIR DIANTE DE SUPOSTAS REALIDADES OU SUPOSTO REAL (Literatura, Filosofia e Ciência, mas qual)? Qual engajamento alimentar e para qual devir olhar? Vejam que não estamos aqui falando de verdade, embora acreditemos nela, evidentemente. De todo modo, defendemos que, primeiramente, é preciso (como aconselhava Aristóteles) contar até três e tomar muito cuidado em falar sobre estas supostas novidades e necessidade de agir (falsa ação), pensar muito nas afetividades envolvidas e o quanto elas têm de real e de realidade e só depois (mas com um muito antes) “filosofar” segundo certo engajamento e certa abertura pro devir! Mas quais?

⁸⁰ Valeria a pena buscar informações sobre a revolução de 1979 ou, como depois ficou conhecida, “Revolução Islâmica”, que começou em janeiro de 1978 com as primeiras grandes manifestações contra o xá, seguidas de um referendo que tornou o Irã uma república islâmica em abril de 1979 e para a qual uma constituição teocrática foi promulgada em dezembro do mesmo ano. No ano seguinte teve início a revolução cultural iraniana quando foram fechadas as universidades, que assim ficaram por cerca de três anos, como resultado da campanha do governo para “limpar” ou livrar o sistema de ensino e formação daqueles que ainda resistiam às mudanças que deveriam ser implementadas especialmente com relação à educação de um ponto de vista geral.

Em termos de música era muito melhor ter ficado com a lembrança com fundo real e assentada em realidade cantada pelo acontecimento Racionais Mcs que afirmavam:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais / Já sofreram violência policial / A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras / Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros / A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo / Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente. (Racionais Mcs, [Capítulo 4, versículo 3, “Sobrevivendo no inferno”], 1997, p. 49)⁸¹

Escolher o engajamento preto pobre, negro drama dos Racionais Mcs e a abertura para um devir capaz de mudar tal realidade: passado Fleury. Ou seja, imunização mesmo pode ser Racionais Mcs! Música que registra o quão pior estávamos inclusive em termos de afetividade em São Paulo, da ponte pra cá uma sobrevivência no inferno para muitos, mesmo depois da constituição de 1988 e do massacre do Carandiru de 1992, o que só veio a mudar um pouco com as políticas de ações afirmativas, das quais as cotas para aluno/as negro/as e da escola pública é um excelente exemplo, e que só foram implantadas de fato a partir do governo Lula (2003-2011)⁸², do governo dos supostos salafários, portanto; mudanças associadas, para falar pouco, a uma complexa e ampla mudança geral na educação⁸³, das quais a ampliação geral das vagas em universidades e institutos federais que foram aos interiores e créditos educativos mesmo para instituições particulares são bons exemplos; de todo modo, os governos Lula e Dilma estavam assentados também em uma complexa mudança no plano da afetividade que atingia até mesmo o tratamento que órgãos de “controle da violência”, como as nossas várias polícias, dispensavam aos pobres em geral e a negros e índios em particular; quanto ao tratamento de crianças e adolescentes, por exemplo, basta ler o conteúdo do ECA, já quanto ao tratamento das mulheres, o conteúdo da Lei Maria da Penha, para perceber que estávamos diante de coordenadas totalmente diferentes, estávamos diante da efetivação real da constituição de 1988 e de outra afetividade. Não era suficiente, evidentemente, e muita mudança ainda era necessária, mas daí alimentar o des-acontecimento impeachment do governo Dilma, se deixar capturar por um devir reacionário, ou se engajar na defesa de uma

⁸¹ Livro de Racionais Mcs. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Cia das Letras, 1918. Também vale a pena assistir ao documentário de 2022 “Racionais: das ruas de São Paulo pro mundo”, com direção de Juliana Vicente.

⁸² Que já havia concorrido à presidência da república em 1990 (primeira eleição de fato direta depois do Golpe Militar), 1994 e 1998.

⁸³ Apenas 53% das crianças estavam na escola no final do governo FHC contra 94% do final do governo Lula, e muitos outros percentuais positivos como esse atestariam que vivemos com o PT, de fato, uma tentativa de instaurar a era da Pátria Educadora.

história semelhante ao que contava o Brasil Paralelo, era sustentar o fechamento, impedir outros devires; em outras palavras, fazer acordar o gigante golpista dos idos anteriores a 1988 e assumir uma nova cruzada religiosa que podia nos levar a uma teocracia, era colocar o Brasil em trilhos que em grande medida já conhecíamos muito bem, era fazer retroceder e em alta velocidade as políticas de inclusão, respeito e tolerância que atingiam especialmente jovens como Mc Daleste e ir até o des-acontecimento golpe militar de 1964 ou, ainda pior, se deixar capturar pelo fechamento semelhante ao Irã de 1979; justamente nossas maiores ameaças atualmente ainda, não se enganem! Para lembrar Jovelina Pérola Negra, Mc Daleste não pensou depressa, não soube protestar e “nivelar a vida em alto astral”, foi tomado pelo “ruim a beça”, chorou sua própria desilusão.

Mas como saber que a realidade e o real que tínhamos antes eram muito pior? Para além das músicas que mencionamos na introdução e muitas outras que poderíamos citar basta ouvir cuidadosamente, e podemos até saber de qual situação registro se trata, o seguinte samba de Martinho da Vila:

Felicidade!/ Passei no vestibular / Mas a faculdade / É particular / Particular! / Ela é particular / Particular! / Ela é particular... / Livros tão caros / Tanta taxa prá pagar / Meu dinheiro muito raro / Alguém teve que emprestar / O meu dinheiro / Alguém teve que emprestar / O meu dinheiro / Alguém teve que emprestar... / Morei no subúrbio / Andei de trem atrasado / Do trabalho ia prá aula / Sem jantar e bem cansado / Mas lá em casa / À meia-noite / Tinha sempre a me esperar / Um punhado de problemas / E criança prá criar... / Para criar! / Só criança prá criar / Para criar! / Só criança prá criar... / Mas felizmente / Eu consegui me formar / Mas da minha formatura / Não cheguei participar / Faltou dinheiro prá beca / E também pro meu anel / Nem o diretor careca / Entregou o meu papel... / O meu papel! / Meu canudo de papel / O meu papel! Meu canudo de papel... / E depois de tantos anos / Só decepções, desenganos / Dizem que sou um burguês / Muito privilegiado / Mas burgueses são vocês / Eu não passo / De um pobre coitado / E quem quiser ser como eu / Vai ter é que penar um bocado / Um bom bocado! / Vai penar um bom bocado / Um bom bocado! / Vai penar um bom bocado. (Martinho da vila *Pequeno burguês* 1975)

Eis como podemos escolher o que pode ser um engajamento para abertura semelhante à caracterização do preto pobre, negro drama dos Racionais Mcs, a abertura para um devir capaz de mudar tal realidade. Se para os negros trabalhadores (trabalhadores vale repetir) dos idos de 1975, em plena ditadura militar lembremos, felicidade é poder estudar e conseguir um diploma universitário foi somente com Lula e Dilma, nossos verdadeiros acontecimentos na história política do Brasil mais recente, que ao menos essa tristeza deixou de ser senhora e, para não falarmos de todas as mudanças da educação, as universidades e institutos federais cresceram mais de 300% e, ainda que com bolsa e merenda escolar, passamos de cerca de 53% para 94% de crianças na escola. Vcs sabem como “devem” ser tratados pela polícia

negros universitários, filhos de trabalhadores negros, que se tornam juizes, advogados, médicos etc. (caso de Joaquim Barbosa no Supremo Tribunal Federal do Brasil, Gilberto Gil no Ministério da Educação e Silvio Almeida no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil)? Ou seja, a partir de então começou a não ser preciso mais penar tanto para ter um diploma universitário, já que nas universidades brasileiras, não são mais apenas 2% dos alunos e alunas que são negro/as e que alcançam o canudo de papel e realmente passamos a poder questionar os motivos de 60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais terem sofrido violência policial e que a cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 sejam negras ainda que em São Paulo.

É claro que, assim como nós, muitos de vocês têm muitas queixas a fazer, como os amplísimos e complexos cortes anteriores na educação, mas é preciso saber um pouco da nossa história e sociologia recente, o quanto e quando, para não acordar o gigante errado, nem toda suposta urgência urgentíssima corresponde ao que devemos defender ainda que nosso maior interesse se volte para os reais problemas brasileiros. Eis sinais de mudança da realidade e do real, queda das coordenadas de todo o campo social anterior à Constituição de 1988 mas que só se efetivam com políticas capazes de manter a mudança do Real e fazer assumir certa Realidade, políticas que fazem o novo acontecer, que fazem outra realidade social e econômica ganhar sentido e explicitam a dogmática e falaciosa separação entre política e economia, tão querida dos nosso americanoides. Mas como saber que estamos diante de um acontecimento político (você gosta de samba)? Primeiro, diríamos que é preciso caracterizar o nosso engajamento e qual a novidade que gostaríamos de ver efetivada e que nos seduz, qual abertura, qual devir gostaríamos de fazer acontecer! Com que visão de mundo deveríamos nos engajar, que lugar em perspectiva deveríamos procurar assumir? Mas insistamos um pouco!

Outra música, também dentre muitas outras, que podemos lembrar é a seguinte de Paulinho da Viola:

Você sabe que a maré / Não está moleza não / E quem não fica dormindo de touca / Já sabe da situação / Eu sei que dói no coração / Falar do jeito que falei / **Dizer que o pior aconteceu [acontecimento consumado, pois] / Pode guardar as panelas / Que hoje o dinheiro não deu / Dei pinote adoidado / Pedindo emprestado e ninguém emprestou / Fui no seu Malaquias / Querendo fiado mas ele negou / Meu ordenado apertado, coitado, engraçado / Desapareceu / Fui apelar pro cavalo, joguei na cabeça / Mas ele não deu / Você sabe que a maré / Não está moleza não / E quem não fica dormindo de touca / Já sabe da situação / Eu sei que dói no coração / Falar do jeito que falei / Dizer que o pior aconteceu / Pode guardar as panelas / Que hoje o dinheiro não deu / Para encher a nossa panela, comadre / Eu não sei como vai ser / Já corri pra todo lado / Fiz aquilo que deu pra fazer / Esperar por um milagre /**

Pra ver se resolve essa situação / Minha fé já balançou / Eu não quero sofrer outra decepção. (Paulino da Viola *Pode guardar as panelas*, 1979)

Na época da Ditadura Militar era melhor? Eis a perspectiva, engajamento ou fechamento que devemos recusar: NÃO ERA! Trata-se de outro registro desesperado, já que somente um milagre mudaria tal situação, tal acontecido, devir sido, referente à fome das famílias pobres e trabalhadoras (ele tem ordenado) em meados de 1979, novamente em plena ditadura militar; tal registro coincide plenamente com o fato, estado de coisa, registrado no plano dos corpos, de 60% dos brasileiros estarem na linha da miséria na década de 70; por que então alguns dizem que estava bom, que era melhor? Por conta de engajamento cego, fechamento, horror à novidade, perspectiva que carece de Real mas pode criar realidade ao menos afetiva! Outro bom registro é o seguinte:

O enxadão da obra bateu onze hora / Vam s'embora, João! / Vam s'embora, João! /
O enxadão da obra bateu onze hora / Vam s'embora, / João! / Vam s'embora, João! /
Que é que você troxe na marmita, Dito? / Troxe ovo frito, troxe ovo frito / E você
beleza, o que é que você troxe? / Arroz com feijão e um torresmo à milanesa, / Da
minha Tereza! / Vamos armoçar / Sentados na calçada / Conversar sobre isso e
aquilo / Coisas que nós não entende nada / Depois, puxá uma páia / Andar um
pouco / Pra fazer o quilo / É dureza João! / É dureza João! / É dureza João! / É
dureza João! / O mestre falou / Que hoje não tem vale não / Ele se esqueceu / Que lá
em casa não sou só eu. (Adoniran Barbosa *Torresmo à milanesa* 1980)

Vocês sabem o que é marmita e vale? Imaginam a miséria e constrangimento do trabalhador que só tem como mistura um ovo ou torresmo na marmita ou tem que adiantar parte do salário mensal para poder sobreviver? Quase Germinal! Eis outro registro de como os profissionais da construção civil, trabalhadores mais uma vez, viam aquela fome e mesmo desnutrição à qual já fizemos referência; diante da dureza dos tristíssimos 60% da população na linha da miséria só restava mesmo o “canta, canta minha gente, ‘deixa a tristeza pra lá’, canta forte canta alto que a vida vai melhorar”, de Martinho, ou “não foi mole não fui ao violão”, “fiz alguns acordes”, “quase que chorei’ desilusão”, de Jovelina. Estamos no início da década de 80 faltando oito anos para o fim do governo resultado do golpe militar que seguiu sendo ditatorial (DITATORIAL, não esqueçamos) e nosso marco da democracia recente a Constituição de 1988. Claro que poderíamos lembrar da música *Barracão* de Luiz Antonio e Oldemar Magalhães (1953), *Saudosa maloca* do mesmo Adoniran Barbosa (1951) e tantas outras, tantos outros apartheids, mas seria ir longe demais e ter que caracterizar não mais o golpe mas o golpismo, para o que não temos tempo ou espaço agora; de todo modo tínhamos uma bem mais recente que faz lembrar a saúde pública e que dizia “Aquela boca sem dente que eu beijava, hoje está com dentadura, aquela roupa velha que você usava, hoje é

pano de chão”⁸⁴. De fato, durante a ditadura militar, dado que praticamente não tínhamos saúde pública, poucos eram os pobres que, não fossem desnutridos, podiam exibir um sorriso, mostrarem felicidade real, com dentes fortes e de verdade; no plano dos corpos: fome, desnutrição, paralisia infantil, cegueira, muleta, marmita, dentadura, roupa velha, lata d’água na cabeça, etc. etc. etc. eram as mercadorias produzidas, distribuídas e consumidas nos bairros periféricos, nas Cidades de Deus, durante a ditadura militar brasileira. Estávamos melhor? De todo modo, o que alimentou o bolsonarismo foi a produção, distribuição e consumo de ódio à esquerda, ao PT, ao diferente, de descontentamento extremo, portanto, fechamento; de afeto mal equacionado, afeto reacionário (de uma injustiça sentida por outra classe, que não a dos pobres ou trabalhadores) que virou ódio.

Dito tudo isso podemos tematizar como podemos escolher o que pode ser um engajamento para abertura semelhante à caracterização do preto pobre, negro drama dos Racionais Mcs, a abertura para um devir capaz de mudar tal realidade, certa empatia ou antipatia, e para poder valorar como feliz ou triste nossa existência, quando caminhamos em direção à tristeza como senhora, e não sair acordando gigante errado ou se oferecendo para lutar cruzada intolerante? É simples, em parte deveríamos colocar a lente de trabalhador e trabalhadora para olhar para o mundo que nos cerca, a lente de pobre de periferia, é exatamente essa a experiência que podemos vivenciar ouvindo os sambas das épocas que precederam a constituição de 1988 e não os verdadeiramente falsos índices econômicos (pense nos índices econômicos da África do Sul durante o regime de apartheid), são justamente tais experiências que devem preceder nossa escolha de qual filosofia estudar e como intensificar sua mensagem⁸⁵; nada melhor, pois, que o bom e velho Marx, para mim o grande acontecimento da filosofia e política contemporâneas, grande influência da filosofia – da grande política – de Deleuze inclusive; especialmente quando se está sendo massacrado pela uberização do trabalho ou quando a direita, mesmo a neoliberal, se torna mais forte em praticamente todo o mundo e mesmo a nova religiosidade brasileira dá provas de uma grande

⁸⁴ “Aquele boca sem dente que eu beijava, / Já está de dentadura / Aquele roupa velha que você usava / Hoje é pano de chão / Mandei reformar o barraco / Comprei geladeira e televisão / E você me paga com ingratidão / Mas o que mais me revolta / É que não reconhece o que eu fiz por você / Obra da fatalidade eu ser desprezado / Sem saber porquê / Você zombou de mim / Só fez me aborrecer / Sinceramente eu hei de te ver sofrer”. *Boca sem dente*, 1983, de Almir Guineto e Gelcy Vieira ou do Cavaco.

⁸⁵ Daí nossos dois artigos sobre experiências sensoriais... “Samba: experiência sensorial de desaculturação” (2018) e “Samba-Rapar: experiência sensorial-literária de cultura” (2021) http://estudoshumanos.com/2018/03/20/samba-experiencia-sensorial/?fbclid=IwAR1L71x0EnnmYdfMFw5F46qc9CtEO_luU0QrIU03BB21Ubo7m8ftKWHsZ0k e <https://drive.google.com/file/d/169WlMeOqRZ8nSt1lmBXC9og3GOr-SSRI/view>.

cruzada. Ainda é com Marx que podemos nos apropriar da revolução que trazia o Samba e certos movimentos estéticos bastante recentes no Brasil, ou seja, também como a música dos filhos de santo que admiram os crentes Racionais Mcs de Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay e mesmo o Mangue Beach de Chico Science e Nação Zumbi, para citar apenas dois; afinal de contas é certo modo de ver ou se engajar com relação ao trabalho e a pobreza que faz com que “o homem/mulher roubado[/as]”, o trabalhador e trabalhadora certamente simpáticos ao personagem de Jesus e que veem o avanço galopante do necro-capitalismo “nunca se engana(rem)”, o homem/mulher roubado/a não devem se deixar capturar por ele, não podem nem devem confundir uberização do trabalho com empreendedorismo e sucesso ou demonização da política com moral de Jesus Cristo e vida ética.

Considerações finais

*E quanto mais remo mais rezo / Pra nunca mais se acabar / Essa viagem que faz / O mar em torno do mar / Meu velho um dia falou / Com seu jeito de avisar: / Olha, o mar não tem cabelos / Que a gente possa agarrar (Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho *Timoneiro*, 1993)*

*Mora na filosofia / Pra que rimar amor e dor? / Mora na filosofia / Pra que rimar amor e dor? (Monsueto Menezes e Arnaldo Passos, 1955, Caetano Veloso *Transa*, 1972)*

Pra cantar samba, não preciso de razão, pois a razão está sempre com dois lados [...] Mora na filosofia, morou Maria, morou Maria, morou Maria... (Paulinho da Viola)

E agora creio que já estamos em condições de dar significado e sentido àquelas expressões que deixamos lá atrás: o que queremos dizer com “acontecimento”, “dissipar”, com “superfície”, “pele de tambor”, “grande política”, “circular a casa vazia”, “fazer falar as singularidades pré-individuais e não pessoais” e, o que mais nos chamou a atenção no nosso panfleto imaginário, “produzir o sentido” ser a tarefa agora dos nossos posteriores a 2016? Ora, acontecimento é o que a eleição do filho de estivador/lavrador e da lavradora/domestica, o nordestino, metalúrgico e sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva trouxe à tona em 2002, ou seja, algo não previsível a partir da causalidade anterior e que só pode ser explicado em retrospectiva e cuja confirmação inegável podemos atestar com a reeleição agora mesmo em 2022; o que, inclusive, nos permite falar em des-acontecimento Golpismo-Temer de 2016, cuja confirmação inegável se deu em 2018 e cuja única novidade foi o surgimento de uma massa de neopentecostais enganados e revoltados; corremos o risco real de nos tornarmos

uma teocracia. Superfície é o que permite a topologia que deve guiar uma nova Sociologia e mesmo História onde o que importa não são propriamente as essências dos indivíduos, dos sujeitos, suas profundidades ou alturas, seu mau caráter, o fácil “os brasileiros seguem sendo isso ou aquilo”, mas um estudo das coordenadas de certo campo social que permitem identificar certas séries, aqui vale mais o: “se quiser saber meu nome, eu sou o tal que não come a mais de uma semana” de Paulinho da Viola.

Fazer falar as singularidades pré-individuais e não pessoais é o que esperamos ter feito quando tematizamos a afetividade descrita nas músicas que mencionamos, a felicidade e tristeza associadas à posição dos trabalhadores e trabalhadoras pobres sobre certo campo social, de certas coordenadas que os/as determinam, ou seja, o velho e bom “não são as consciências que determinavam a matéria, antes é a matéria”, o campo social, a vida mangue, a vida loka, o campo social que faz integrar tais coordenadas, séries e posições que determinam as perspectivas, as inconsciências, ou seja, é preciso dividir as culpas com as sociedades que criam tais lugares vagos, tais casas vazias, que impedem certas subjetivações nos capturando em outras: país das calças beges! É preciso fazer dissipar aquelas antigas e reacionárias essências, repetições de lugares e devires, deixar de sair à busca de profundidades ou alturas reacionárias, de Sociologia e História baseada nas costumeiras e reacionárias psicologias morais: “Forest Gump é mato”, já dizia Racionais Mcs. Esperamos ter feito falar certas singularidades pré-individuais e não pessoais. Mas vejamos se podemos tornar ainda mais explícito o que já dissemos. Poderíamos tematizar como podemos escolher o que pode ser um engajamento para abertura semelhante à caracterização do preto pobre, negro drama dos Racionais Mcs, a abertura para um devir capaz de mudar tal realidade se a questão fosse a defesa de um devir mulher? Começaríamos por responder com a música *Coisa da antiga*:

Na tina, vovó lavou, vovó lavou / A roupa que mamãe vestiu quando foi batizada / E mamãe quando era menina teve que passar, teve que passar / Muita fumaça e calor no ferro de engomar / Hoje mamãe me falou de vovó só de vovó / **Disse que no tempo dela era bem melhor / Mesmo agachada na tina e soprando no ferro de carvão / Tinha-se mais amizade e mais consideração** / Disse que naquele tempo a palavra de um mero cidadão / Valia mais que hoje em dia uma nota de milhão / **Disse afinal que o que é liberdade / Ninguém mais hoje liga. Isso é coisa da antiga, ai na tina** / Hoje o olhar de mamãe marejou só marejou / Quando se lembrou do velho, o meu bisavô / Disse que ele foi escravo mas não se entregou à escravidão / Sempre vivia fugindo e arrumando confusão / Disse pra mim que essa história do meu bisavô, negro fujão / Devia servir de exemplo a “esses nego pai João” / **Disse afinal que o que é de verdade / Ninguém mais hoje liga / Isso é**

coisa da antiga / Oi na tina. (Wilson Moreira e Ney Lopes *Coisa da antiga* 1977? Lançamento)⁸⁶

Só pra contrariar: filme italiano o carai, Cidade de Deus, Bope etc.; Bob Dilan o carai, Zeca Pagodinho, Martinho da Vila etc.; Lady Gaga o carai, Clementina de Jesus, Jovelina Pérola Negra etc; piano de calda o carai, cavaco, pandeiro e tamborim. Pra contrariar as coisas de falso/a nego/a trabalhador/a, de Pai João, de coxinha, de Zé povinho, de Zé do fuscão, afrobege ou macaxeira que quer proteger o patrimônio filosófico do playboy. E sempre tomar cuidado com o moralismo “era melhor”, mesmo de trabalhador Zé Povinho Pai João.

Por fim, com “como pele de tambor”, surdo político, queremos dizer a afetividade movimentada já há muito por Lula e o PT, e queríamos lembrar nossa mais querida Erundina também. Eis pra onde olhar, viva Erundina! Certa musicalidade política, certa ética que deve fundar a grande política, a flexibilidade ética, as tantas inclusões, os tantos esquecimentos de conflitos anteriores, das prisões, condenações, perseguições, o dissipar de tantos enfrentamentos, o amor fati, o amar o infinito, o mundo, o diferente, a vida complexa, o aquilo que é a matéria à qual daremos sentido, o tudo; o aceitar inclusive parte da velha direita para criar uma frente ampla capaz de enfrentar nossos maiores inimigos do momento que são o demoníaco-nazi-facismo de Bolsonaro e a cruzada teocrática-imoral-anticristã de Damares. É preciso lembrar que a violência difere, que a vida é complexa e estamos sempre a um passo do reacionário teocrático. Afetividade e ética que gostaríamos de fazer compreender com duas músicas, uma de Zeca e outra de Paulinho, que dedico à figura mais importante e interessante da política mundial atual, meu mais que amado Lula:

Eu já passei por quase tudo nessa vida / Em matéria de guarida / Espero ainda a minha vez / Confesso que sou de origem pobre / Mas meu coração é nobre / Foi assim que Deus me fez / E deixa a vida me levar (vida leva eu!) / Deixa a vida me levar (vida leva eu!) / Deixa a vida me levar (vida leva eu!) / Sou feliz e agradeço / Por tudo que Deus me deu / Só posso levantar as mãos pro céu / Agradecer e ser fiel / Ao destino que Deus me deu / Se não tenho tudo que preciso / Com o que tenho, vivo / De mansinho lá vou eu / Se a coisa não sai do jeito que eu quero / Também não me desespero / O negócio é deixar rolar / E aos trancos e barrancos, lá vou eu! / E sou feliz e agradeço / Por tudo que Deus me deu / Deixa a vida me levar (vida leva eu!) / Deixa a vida me levar (vida leva eu!). (Eri Do Cais e Serginho Meriti *Deixa a vida me levar*, 2002)

⁸⁶ Cf. <https://immub.org/compositor/nei-lobes>. Imortalizada na voz e presença mais que maravilhosa de Clara Francisca Gonçalves Pinheiro, a nossa mineira e umbandista Clara Nunes (1942-1983), que também gravou a mais que incrível “Não vadeia Clementina”, 1977, com a própria encarnação e história do samba Clementina de Jesus Silva (1901-1987), nossa “Quelê”, que tanto ainda têm a nos ensinar sobre os supostos bons progressos. Muitas saudades aqui que “Sonho meu” sempre vai chamar, de Elizeth Cardoso (1920-1990) a Elza Soares (1930-1922), passando por aquela que segurava o pagode Jovelina Perola Negra (1944-1998), por Beth Carvalho (1946-2019) e tantas outras magníficas sambistas, a todas nossa benção.

Não sou eu quem me navega/ Quem me navega é o mar / Não sou eu quem me navega / Quem me navega é o mar / É ele quem me carrega / Como nem fosse levar / É ele quem me carrega / Como nem fosse levar / Não sou eu quem me navega / Quem me navega é o mar / Não sou eu quem me navega / Quem me navega é o mar / É ele quem me carrega / Como nem fosse levar / É ele quem me carrega / Como nem fosse levar / E quanto mais remo mais rezo / Pra nunca mais se acabar / Essa viagem que faz / O mar em torno do mar / Meu velho um dia falou / Com seu jeito de avisar: / Olha, o mar não tem cabelos / Que a gente possa agarrar / [...] / Timoneiro nunca fui / Que eu não sou de velejar / O leme da minha vida / Deus é quem faz governar / E quando alguém me pergunta / Como se faz pra nadar / Explico que eu não navego / Quem me navega é o mar / [...] / A rede do meu destino / Parece a de um pescador / Quando retorna vazia / Vem carregada de dor / Vivo num redemoinho / Deus bem sabe o que ele faz / A onda que me carrega / Ela mesma é quem me traz / Não sou eu quem me navega / Quem me navega é o mar / Não sou eu quem me navega / Quem me navega é o mar / É ele quem me carrega / Como nem fosse levar / É ele quem me carrega / Como nem fosse levar / Não sou eu quem me navega / Quem me navega é o mar / Não sou eu quem me navega / Quem me navega é o mar / É ele quem me carrega / Como nem fosse levar / É ele quem me carrega / Como nem fosse levar. (Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho *Timoneiro*, 1993)

Ou seja, o que Mc Daleste e muitos de nós, que jamais nos admitiríamos de direita, não soubemos aprender foi “Se a coisa não sai do jeito que eu quero / Também não me desespero”. Afetividade da qual quem deu mais provas de não ter entendido sua necessidade foi certamente Ciro Gomes do PDT 12, nesse sentido e para não repetir um discurso especial como o de Dona Santinha, cegado pela ignorância afetiva, pelo ódio ao PT, *hybris* semelhante à que cegou Ajax na tragédia de Sófocles, ódio a favor do qual ele tantas vezes falou desde 2018 e quase se tornou um dos grandes responsáveis pela reeleição das forças mais reacionárias contra as quais nos resta lutar muito ainda. Alguém que não soube abraçar o infinito, que não soube deixar a vida levar, o mar, o mundo, o infinito, que não abraçou o destino, não escolheu bem o que devir, não esteve no engajamento correto; mas Sófocles e Ajax estão muito longe de nós, por isso, é para ele que gostaríamos de dedicar a música d’Os originais do samba *Falador passa mal rapaz*⁸⁷

⁸⁷ “Falador passa mal rapaz! / Falador passa mal! / Falador passa mal rapaz! / Falador passa mal rapaz! / Falador passa mal! / Falador passa mal rapaz! / Quem mandou você mentir? / Você vai se machucar / Novamente aqui estou / Você vai ter de me aturar / Falador passa mal rapaz! / Falador passa mal! / Falador passa mal rapaz! / Quem mandou você mentir? / Você vai se machucar / Novamente aqui estou / Você vai ter de me aturar / Que malandro é você? / Que não sabe o que diz / Cuidado que muita mentira / Você pode perder o nariz! Olha, eu vou te dar um alô / Que é pra você se mancar / Olha, eu vou te dar um alô / Que é pra você se mancar / Se você saiu por aí / E não conseguiu / Arranjar alguém / Deixe que alguém / Saia por aí / E consiga arranjar você! / Porque / Falador! Falador! / Falador! Falador!” O samba-rock *Falador passa mal rapaz* foi imortalizada na percussão e voz do grupo que a compôs “Os originais do samba”, no LP “É preciso cantar”, que também contava com a incrível regravação de “Saudosa maloca”, álbum de 1973 quando ainda contava com Antônio Carlos Bernardes Gomes (1941-1994), nosso querido “Carlinhos da mangueira” e ainda mais “Mussum”.

Por fim, se de fato devemos ceder às novidades e às urgências urgentíssimas de produção de uma filosofia brasileira, doar sentido a uma filosofia de fato brasileira, que seja para doar sentido a uma realidade que inclua ao menos a literatura produzida pela maioria pobre dos brasileiros e brasileiras, mas para isso é preciso tomar a decisão anterior de conhecer a cultura brasileira dos pobres, tomar o lugar dos trabalhadores e trabalhadoras mais pobres e só então, experimentando ao menos em parte o mundo que eles veem, suas tristezas e felicidades, inclusive procurar maneiras de fazer acontecer uma política onde eles possam ter uma vida melhor, realmente mais feliz, mais digna, mais filosófica, mais tolerante, mais humana, para o que também é preciso tomar a decisão de a partir desse ponto de vista estudar, estudar, estudar e que possa ser estudar inclusive filosofia europeia, mas principalmente cultura brasileira, fazer confusão, mas sem ser Zé Povinho Pai João; eis para mim, como professor, a ética que guia minha ação, minha pequena grande política. É a Lula, portanto, que eu quase comuna-socialista agradeço ser feliz por tudo que Deus me deu especialmente no dia 30 de outubro de 2022! E é assim que esse texto doa sentido, querendo dizer e dizendo!

Em homenagem ao esquizofrênico Genivaldo de Jesus Santos, que nem se soube mais um Dimas, assassinado aos 38 anos, pelos três Policiais Rodoviários Federais, William de Barros Noia, Kleber Nascimento Freitas e Paulo Rodolpho Lima Nascimento, no dia 25 de maio no município de Umbaúba, no Estado de Sergipe, Polícia que estava sob a direção de Silvinei Vasques.

São Cristóvão, SE, 17 de novembro de 2022

William de Siqueira Piauí